

FUTEBOL E O BRASIL

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A derrota da seleção brasileira causou uma comoção nacional. Dificilmente um acontecimento, qualquer que fosse, teria o poder de afetar tão diretamente a emoção do brasileiro. Qual é a causa do fenômeno?

O homem é um híbrido de razão e emoção. Quando os dois fatores se confrontam, predomina freqüentemente a emoção. Se há homens sensatos, filósofos, pensadores e cientistas, a humanidade como um todo mais parece uma criança. Quem estuda a história, observa que guerras cruéis e destrutivas são desencadeadas por motivos fúteis e desprezíveis. Os americanos gastam três bilhões de dólares por mês, com as guerras do Iraque e Afeganistão. O estado de beligerância é uma constante na vida de todos os povos. Se o homem é o que é, a história, vista como síntese de suas ações, não pode ser diferente. E nada se há de esperar dela.

A organização da sociedade pela moral e pelas leis quebra até certo ponto essa tendência destrutiva e exige do cidadão um comportamento coletivo que é exatamente a superação dos institutos e sentimentos pessoais. A sociedade generaliza. O indivíduo particulariza. Nesta síntese instável e difícil vivem os homens e se desenvolve a história de suas realizações.

Como a organização não extingue o instinto competitivo e beligerante, o homem escolhe caminhos mais civilizados de exteriorizá-lo. E aqui entra a função do esporte nas sociedades modernas. As olimpíadas são um exemplo de tudo que falamos. Em diferentes especialidades, que simbolizam as ações naturais do homem - saltar, lançar, correr, lutar, etc - eles digladiam entre si dentro de regras previamente estabelecidas, que não importam em morte ou destruição, mas que têm como resultado a vitória ou a derrota.

O esporte é uma forma estilizada de manifestar o sentimento de luta e concorrência. Por ele o indivíduo exterioriza a tendência de conquista e de vitória que todos guardam em seu interior. A catarse, pela disputa dentro de regras, substitui a guerra e a destruição.

O futebol é tudo isto. Os homens têm necessidade de auto-afirmação. Procuram distinguir-se de seu semelhante, realizando algo que a maioria não

pode fazer. São assim os indivíduos e as nações. Nosso país ainda é insignificante nas grandes realizações da humanidade. Não temos cientistas, salvo exceções, de nível internacional, como na Europa e nos Estados Unidos, que os fornecem em número cada vez maior de geração em geração. A distribuição da riqueza é precária. O ensino público é deficiente. A assistência médica é falha. O Judiciário não tem a produtividade necessária. Temos carência em vários setores, embora estejamos no caminho certo para superar tudo isto.

Porém somos grandes no futebol. Estamos entre os melhores do mundo, fato universalmente aceito. Por ele afirmamos a nacionalidade. Realizamos pela bola o que ainda não fomos capazes de fazer pelo aperfeiçoamento das instituições. Por isto, a derrota baixou o sentimento da moral coletiva e trouxe tristeza nacional. É preciso reerguê-la. Daí a responsabilidade dos governantes em incentivar o futebol. Fazer dele um empreendimento lucrativo e de distribuição de renda. O espetáculo público pode ser também um instrumento de riqueza para o Estado. Com o dinheiro, construiremos escolas, hospitais e universidades. E traremos felicidade ao povo. Consta que na atual Copa do Mundo foram movimentados entre 12 a 15 bilhões de reais. Uma montanha de dinheiro que produz emprego, pagamento de tributos e vantagens sociais pelo giro do capital utilizado.

O povo precisa de diversão coletiva, que deve ser instrumentalizada pelos dirigentes, economistas e juristas, para transformá-la num meio não só de entretenimento, mas também de riqueza social. Muita coisa pode ser feita neste sentido. César, para agradar ao povo romano e justificar a ditadura imposta, organizava espetáculos com 300 gladiadores, para simbolizar na arena ensanguentada o espírito guerreiro e conquistador de Roma. Hoje as coisas são mais civilizadas e sutis. Mas o papel do esporte permanece o mesmo: alimentar o ideário de vitória e competição e divertir as massas. Devemos agora lhe dar um conteúdo econômico, para que se transforme em meio de gerar riqueza para o país.

Vamos esperar pela próxima Copa quando, através do espírito de organização e disciplina que todo esporte exige, possamos trazer dinheiro para os cofres públicos e, ao mesmo tempo, diversão para o povo, promovendo-lhe alegria e felicidade.

Este é o real propósito do esporte moderno: permitir o extravasamento do sentimento competitivo e guerreiro, mas também promover a aproximação e a amizade entre as pessoas e as nações.

(Publicado no Jornal Hoje em Dia em 8/7/2010)